

O triste Pantheon
(Notas de um caderno de Paris, 1950) -

RECADO DE PARIS

Paris, julho — Paul Claudel foi visitar seu amigo Henry de Warequier. Esteve algum tempo conversando à janela e no dia seguinte escreveu para "Le Figaro" um artigo de magnífico mau humor... contra o Pantheon e a praça do Pantheon. Não me esqueço da impressão de tristeza, fealdade e deserto que me ficou de uma tarde de inverno nessa praça, e lavo a alma transcrevendo alguns trechos do grande escritor católico sobre aquele monstruoso edifício que o peregrino desavisado julga ser uma igreja:

"Não se trata de uma igreja. Nunca foi igreja. Essa coisa, de base à cumieira, é laica... Dão-me licença para dizer que isso tem um som óco ao olhar? Puseram colunas demais... Tudo roda demasiado em volta... Tudo excessivamente seguro da própria segurança... E o Capitólio de Washington, e toda a população de Capitólios que cobrem as duas Américas... Mas já imaginaram o que é viver na praça do Pantheon, viver a praça do Pantheon, viver, de manhã à noite, o Pantheon?... Abre-se a janela e o Pantheon enorme, com todos seus andares superpostos, alguma coisa como o Deus Pai, mas vazio, redondo, vertiginoso, pálido e um pouco louco, ~~como se diz de uma trovoadá que se sente no estômago~~... aquilo entra pelo apartamento. Fica-se ali, à sós, com aquilo, face a face...".

Claudel pede licença para pôr um ponto de exclamação na frase que está gravada no pórtico: "Aos grandes homens a Pátria reconhecida", e diz: "Não reconhecida que, na mais calva de suas colinas, a capital lhes consagrou uma espécie de território extraterritorial, alguma coisa como o Distrito Federal americano. Sob vigilância".

E depois de descrever os edifícios da praça em volta: "No meio, os mortos, submetidos a todos os horrores do vazio e do exagero, ao mesmo tempo. Será que às vezes não saltam o muro? O que me faz pensar isso é a presença, dissimulada à sombra do Quinto Distrito, de uma hospedaria, eu ia dizendo um anexo, que tem o nome de "Hotel des Grands Hommes", como essas pensões animadas que antigamente se instalavam perto das casernas. Devemos acreditar que esse hotel às vezes, pela meia-noite, abre uma porta compreensiva a hóspedes trêmulos? Não Marat nem Mirabeau, há muito tempo expulsos desses locais, mas o marechal Lannes, Emile Zola e o professor Langevin, sem falar de Victor Hugo...".

Nota: o "Hotel des Grands Hommes" é um hotel mesmo (dos barões) e lá já moraram, entre outras pessoas, André Breton e o pintor brasileiro Milton da Costa.

R. B.

J. Notion
a jul de 65

~~DA-5.8.50~~

DN-15.8.65

RN 342

deste cronista:

CM-5.8.50

255